

Arnaldo José Zangelmi

**Histórias e Memórias: passado vivido e
lembranças no Instituto de Ciências
Humanas e Sociais
(1979-1994).**

Mariana, julho de 2005.

Índice

1 – Introdução p. 5

2 - Os anos de 1979 a 1985 p. 10

2.1- Gênese p. 10

2.2- O choque entre o antigo e o novo p. 12

2.3- A questão do currículo p. 15

2.4- Considerações finais sobre a questão p. 19

3- Os anos de 1985 a 1995 p. 21

4- A memória e a questão da democracia p. 24

4.1- Fundamento Teórico p. 24

4.2- A questão da democracia p. 25

5- Considerações finais p. 28

6- Bibliografia p. 29

7- Anexos p. 33

7.1- Anexo I (Gráfico X) p. 33

7.2- Anexo II (Análise de grades) p. 34

7.3- Anexo III (Títulos do I Encontro de Pesquisa do ICBS) p. 36

7.4- Anexo IV (Projeto de Implantação do Curso de História) p. 36

Monografia de Bacharelado apresentada pelo aluno Arnaldo José Zangelmi ao Departamento de História, no Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto, sob orientação do Prf. Ivan Antônio de Almeida, em julho de 2005.

Ficha

Zangelmi, Arnaldo J.

Histórias e Memórias: passado vivido e lembranças no Instituto de Ciências Humanas e Sociais (1979-1994). Mariana: Universidade Federal de Ouro Preto. Departamento de História, 2005. 32p. (Monografia de Bacharelado)

1- Memória. 2- História. 3- ICHS.

Agradeço

À minha família (José, Lourdes, Mario Lúcio, Alexandre e Júnior), que me apoiou e me mandou dinheiro.

À Izabella, pelo carinho e amor.

Ao Caio, por ser um inquieto pensador e um amigo dedicado.

Ao Rafa Bellan, pela amizade e pelo humor irônico e sarcástico.

Ao Alan, pela falta de noção.

Ao Leandro, ao Chico, à Magali, ao Mansur, ao Fabrício e ao Paulo Gracino, por serem bons amigos e companheiros de todas as horas.

Ao prof. Ivan, por sempre ter tempo para me atender, por dedicar-se ao máximo à orientação e por ser uma figura rara.

Aos professores Valdei, Rafael, Ronaldo, Crisoston e Rosana que me ajudaram muito em toda a minha caminhada pelo ICHS.

À Marli, a única secretária do mundo que consegue ser gentil e competente ao mesmo tempo.

E à todos que contribuíram, de uma forma ou de outra, para essa fase intensa, inquieta e transformadora da minha vida, que foram esses três anos e meio no ICHS.

A memória coloca muitos problemas para o trabalho do historiador, mas as fontes orais “oferecem também recompensas inesperadas para um historiador que esteja preparado para apreciar a complexidade com que a realidade e o mito, o objetivo e o subjetivo, se mesclam inextricavelmente em todas as percepções que o ser humano tem do mundo, individual e coletivamente...”
(Paul Thompson. A Voz do Passado)

1 - Introdução

Ao fazer a história de uma Instituição recente e um estudo sobre sua memória é fundamental ter em mente algumas noções sobre a peculiaridade desses objetos. Um objeto restrito como uma Instituição, que tem uma história que ainda mantém seu frescor e sua polêmica, requer cuidados específicos. A análise de sua memória, e da própria concepção de memória em si, também é um trabalho que necessita do historiador um aparato teórico e metodológico complexo e que dificilmente se apresenta pronto no início da pesquisa. Lidar com questões dessa natureza, desde o princípio do trabalho, é importante para o amadurecimento da concepção de história a ser feita e a projeção de seus possíveis resultados.

A *Micro-História*, como coloca Ginsburg, permite que se estabeleça uma relação mais íntima e frutífera entre a História e disciplinas como a Antropologia, a Sociologia, a Psicologia, entre outras, ampliando, de forma considerável, o quadro conceitual, os temas e as possibilidades de abordagem dos historiadores¹. As reconstituições micro-históricas crescem juntamente com as dúvidas sobre determinados processos macro-históricos, configurando-se num instrumento mais apropriado para reconstruir o passado vivido. Isto ocorre porque, como aponta esse mesmo autor, a Micro-História é capaz de reconhecer as realidades ocultas que as análises tradicionais, de forma geral, não deixam transparecer, permitindo que se compreenda melhor como esse vivido se articula.

¹ GINZBURG, Carlo. **A Micro-História e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1991.

A *História do Presente* também pôde nos fornecer elementos importantes para nosso trabalho. Como colocam Amado e Ferreira, o paradigma estruturalista, que dominava a produção histórica nos anos 60 e 70, considerava que o estudo dos períodos recentes não era válido, pois haveria a necessidade do distanciamento temporal entre pesquisador e objeto estudado, caso contrário, a objetividade do estudo, e conseqüentemente sua validade, estariam comprometidos. Esse quadro mudou nos anos 80, quando se rompe com a idéia que identificava o objeto histórico ao passado². A contemporaneidade entre pesquisador e objeto passa a ser encarada como uma situação positiva para o trabalho histórico. O fato de o historiador dividir, com os agentes históricos, as mesmas referências e categorias de pensamento, torna-se um instrumento importante para a compreensão da realidade estudada.

Também recentemente, a memória está se tornando uma das preocupações centrais das sociedades ocidentais. As atenções, que no início do século XX estavam voltadas para a idéia de futuro, agora se dirigem para o passado, gerando uma maior preocupação com a preservação da memória. Sendo assim, o estudo das diversas políticas de memória que surgiram, dos interesses dessa preservação e dos outros vários elementos que contribuem para a formação da memória, é de extrema importância para a compreensão da nossa sociedade. A organização da memória de uma Instituição é de fundamental importância para que seus membros, enquanto coletividade, façam um exercício de autoconhecimento e reconheçam sua identidade de forma mais consciente.

Como coloca Jeudy³, a preservação da memória surge em um momento no qual a sociedade sente a perda no sentido da existência, perda de sua identidade, perda dos referenciais culturais, perda essas interligadas e trazidas pelo processo de industrialização. No entanto, o autor coloca também que, nessa tentativa de preservação, a expressão *memória coletiva* perdeu, para muitos, seu caráter conceitual, tornando-se palavra de ordem “vazia, que serve de estímulo para programas socioculturais cada vez mais repetitivos” e sem respaldo teórico.⁴ É preciso conhecer precisamente o que é essa memória a ser preservada.

Esse trabalho é, em sua parte inicial, uma reconstrução da história dos primeiros anos (1979-85) do Instituto de Ciências Humanas e Sociais (ICHS) no que se refere às manifestações, articulações e conflitos políticos advindos do contexto nacional, ou seja,

² AMADO, Janaina & FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

³ JEUDY, Henri-Pierre. **Memórias do Social**. São Paulo: Forense, 1995.

⁴ Idem. p. 1.

uma tentativa de entender como os movimentos internos do Instituto se relacionaram com o panorama criado pelo processo de democratização do Brasil. Dessa forma, pretendemos entender como a ligação intrínseca do Instituto com forças tradicionais da Igreja Católica relacionou-se com elementos novos absorvidos pela Instituição em seu desenvolvimento.

Em um segundo momento desse trabalho, reconstruímos também parte dos acontecimentos ocorridos de 1985 até 1994. Essa nova fase da pesquisa se refere ao período que vai desde a primeira eleição para a diretoria do Instituto até a saída dos últimos integrantes do Instituto que são considerados do grupo tradicional, o que demarca o fim de uma dicotomia política bem nítida do ICHS.

Esse trabalho utilizou-se de entrevistas orais (que foram gravadas, transcritas e impressas) com pessoas que participaram da história do ICHS durante os anos de 1979 a 1994. Professores, ex-professores, ex-alunos, funcionários, ex-funcionários, pessoas da comunidade e quaisquer outras pessoas que puderam fornecer depoimentos sobre a época, foram entrevistados. Como coloca Ecléa Bosi, é necessário ter em mente que, “muito mais que qualquer outra fonte, o depoimento oral ou escrito necessita esforço de sistematização e claras coordenadas interpretativas”⁵ As fontes orais foram analisadas, juntamente com fontes alternativas (atas, relatórios, monografias, processos, jornais, etc) presentes no Instituto, que complementaram as informações cedidas em entrevista. Para tanto, foi utilizado o aparato da História Oral, que, segundo Amado e Ferreira, trata-se de uma metodologia, por ser capaz de suscitar questões, mas nunca de resolve-las por si só⁶. Vendo na

⁵ BOSI, Ecléa. **O Tempo Vivo da Memória**. p. 49.

⁶ AMADO, Janaina & FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

História Oral o instrumento privilegiado para a obtenção de respostas para nossas questões, lançamos mão de trabalhos que trazem técnicas e metodologias propícias para o preparo do entrevistador tanto quanto estudos sobre memória, identidade social e sobre as relações entre memória e história, que muito contribuíram para a interpretação dos dados coletados.

Dentre todo esse aparato teórico, nossa atenção esteve sempre voltada, principalmente, para o conceito de *memória*. Objeto de estudo das ciências mais diversas, que vão desde a Biologia, passando pela Psicanálise, Filosofia, até a História e a Sociologia, o conceito de memória percorreu um longo percurso. Para Bergson, que acompanha concepções advindas dos primórdios do pensamento sobre esse conceito, a memória seria um fenômeno basicamente individual, mas que, diferentemente do que pensaram seus antecessores, encontra também substrato para se constituir na matéria⁷. Halbwachs⁸, que se aproxima da escola durkheimiana, radicaliza essa idéia, passando a enquadrá-la no meio social. Ele considera que a memória é um fenômeno construído socialmente no presente. Construído, por não ter uma correspondência com o real passado, sendo reformulado continuamente. Socialmente, por estar ligado a *quadros sociais de memória*, que são grupos unidos por laços de solidariedade e elementos simbólicos comuns. No presente, por Halbwachs desconsiderar, em grande parte, a influência do passado na construção da memória. As memórias individuais seriam decorrências da infinidade de combinações dos diversos *quadros sociais de memória* da sociedade atual. No entanto, outros autores defendem a valorização das experiências anteriores, ou seja, do passado vivido, na construção da memória. Logo, essa não seria uma reconstrução preponderantemente atual, mas uma reconstrução historicamente articulada, articulada no presente, mas com uma interação entre o passado vivido e as preocupações atuais.

Analisando a memória como fenômeno formado no presente, nesse diálogo entre experiências vividas e estruturas atuais, foi conveniente recorrer também, para melhor entender essa formação, ao conceito de *identidade social* trabalhado por Michael Pollak. Para ele, a memória está ligada ao sentimento de identidade, pois este tem como elementos essenciais, além da unidade física, os sentimentos de *continuidade* e

⁷ BERGSON, Henri. **Matéria e Memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

⁸ HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

coerência, ambos inerentes à constituição da memória de um grupo. Sendo assim, a interação (muitas vezes conflituosa) entre os grupos, motor da formação da identidade social, é um elemento fundamental para se compreender a formação da memória⁹. Pierre Nora, com um foco distinto, explora a relação entre memória e história, demonstrando a oposição que existe entre ambas. Segundo Nora, o trabalho histórico, através a crítica, ocupa o espaço da memória, deixando-a sem meios para se manter. A memória, manifestação mais espontânea e não crítica, é sufocada e se refugia em locais específicos, os *lugares de memória*¹⁰.

Com o respaldo desses conceitos, pôde-se interpretar melhor as lembranças articuladas pelos entrevistados. Entendendo o modo como as pessoas lembram, foi possível construir um trabalho histórico com base na memória, sem simplesmente reproduzir as lembranças, mas sim interpretando-as. Nas entrevistas foi possível observar que os entrevistados recordam do passado do Instituto de forma bem distinta. Vários elementos contribuem para essa diferença na forma de articular o passado, dentre eles os grupos aos quais os indivíduos pertencem são de fundamental importância, sem desprezar, logicamente, as experiências de vida distintas de cada indivíduo. Professores de Letras não recordam da mesma forma que os de História; professores advindos de outras cidades não recordam da mesma forma que os de Mariana; pessoas mais ligadas à Igreja não recordam como os que não o são; funcionários; pessoas da comunidade de Mariana; alunos; cada qual, na sua perspectiva, articula o passado com um foco diverso.

No que se refere mais diretamente às especificidades do ICHS, tentou-se, na parte final desse trabalho, demonstrar o quanto os integrantes dos dois principais grupos distintos do ICHS (novos e tradicionais) articulam sua memória de forma distinta, principalmente em relação às suas noções de democracia.

⁹ POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos** N. 10. Rio de Janeiro: CPDOC. 1992.

¹⁰ NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **História e Cultura. Projeto História.** (10). P. 7-28. 1993

2- Os anos de 1979 a 1985

2.1- Gênese

Alguns anos antes da criação do ICHS começaram as articulações de algumas pessoas influentes da região para uma possível criação de uma universidade, ou um campus de uma universidade, em Mariana. Nesse processo, três pessoas tiveram fundamental importância: o reitor da UFOP na época, Antônio Fagundes; o arcebispo de Mariana, Dom Oscar de Oliveira; e o cônego José Geraldo Vidigal de Carvalho. Essa foi uma espécie de parceria entre figuras influentes da Igreja Católica e da UFOP, que atendia aos objetivos comuns de aumentar o tamanho da Universidade e trazer parte dela para Mariana.

Em 1979 uma extensão da Universidade Católica (Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Santa Maria), que funcionava em Mariana, foi anexada à UFOP, o que resultou na criação do ICHS. Nos dois primeiros anos houve a organização dos cursos de História e Letras, quando foi criado um currículo acadêmico, foram formados os departamentos, ou seja, foram resolvidas as questões administrativas para que os cursos pudessem funcionar. As aulas, no prédio do antigo seminário, começaram em 1981. As duas turmas (uma de História e uma de Letras) que entraram no início de 1981 tiveram seu primeiro semestre de aula ainda no prédio da extensão da Universidade Católica (onde hoje funciona o Colégio Providência) e se transferiram para o local atual em julho do mesmo ano. Outras duas entraram nesse segundo semestre diretamente no prédio do antigo Seminário. Essas quatro primeiras turmas (duas de História e duas de Letras) tinham aulas na parte nova do Prédio, onde, aliás, funcionava todo o Instituto, pois a parte mais antiga estava em ruínas.

O vestibular, inicialmente, era aplicado pela UFOP em Belo Horizonte nos estabelecimentos da PUC e de forma unificada, pois era realizado uma vez por ano e o aluno deveria optar em qual semestre gostaria de entrar. No início cada turma tinha em média 25 alunos, mas havia muitas desistências ao longo do curso que diminuía drasticamente esse número. Os alunos provinham de várias regiões do Brasil, principalmente dos estados de São Paulo e Minas Gerais.

Não tinha prova nenhuma aqui, nesse período. Foi um período. Parece que o vestibular antes também tinha sido assim. Então foi feito lá na PUC em Belo Horizonte. A gente ia até lá, as pessoas que moravam fora iam para lá. Então não tinha nada a ver com a PUC, era só mesmo o local. Era um local grande que

aqui na região não tinha. Ai eu passei em julho de 81 e, exatamente, a minha turma que entrou em agosto era a turma, vamos dizer, que inauguramos o ICHS ai aonde ele funciona, porque a primeira turma ainda estudou no colégio providência.¹¹

Esses alunos enfrentaram sérios problemas de moradia, transporte e alimentação nesses primeiros anos de aula, o que resultou numa dinâmica de mobilização muito intensa. Alguns alunos moravam em Ouro Preto, em alojamentos do Morro do Cruzeiro. Isto tornava a questão do transporte também problemática, pois a vinda para Mariana ficava complicada e custosa. As refeições também contribuíam para o problema, pois eram servidas apenas no CAEM (Centro Acadêmico da Escola de Minas), em Ouro Preto. Essa distância entre o ICHS e a estrutura da universidade gerou, nesse início, muitos problemas como recorda uma aluna da segunda turma de História:

Essa era a grande polêmica, porque quando eles vieram, não tinha lugar para essas pessoas. A Universidade não pensou nos alunos do ICHS, não se pensou. Porque o pessoal da Escola de Minas tinha as repúblicas de Ouro Preto e eles não cediam espaço para o pessoal do ICHS, toda aquela rivalidade, né. Então o que aconteceu: mesmo até lá no Morro do Cruzeiro é que tinha algum lugar para o pessoal do ICHS e a Universidade cedeu alguns alojamentos lá no Morro do Cruzeiro. Só que ficava muito fora de mão, porque o aluno saía de lá, a aula começava aqui as sete horas, tinha que descer o Morro do Cruzeiro, ir para a Praça Tiradentes pra pegar um lotação, parava aqui no terminal para ir a pé. Então era muito complicado. As pessoas as vezes tinham que sair cinco, cinco e pouco para chegar aqui a tempo. Então esse foi o grande problema desde o início, porque as pessoas diziam o seguinte: - Ah, nós queremos morar perto; nós queremos a faculdade perto. Então uns queriam que o ICHS fosse para Ouro Preto, normalmente eram alunos que eram de Ouro Preto, então puxava para ir para lá.¹²

Em abril de 1983 iniciou-se a reforma da parte antiga do Prédio, que (como já foi dito) estava em ruínas, o que impossibilitava qualquer atividade. Essa reforma foi feita de forma gradual e, aos poucos, as partes reformadas iam sendo disponibilizadas para os setores da administração do Instituto. Essa reforma teve um ritmo muito intenso até o final de 1985, quando ela adquire uma feição lenta e descontínua e, de certa forma, dura até hoje.

¹¹ ML, ex-aluna da segunda turma de História do ICHS (entrevista em 14/10/2003)

¹² Idem.

No processo de incorporação da extensão da PUC pelo Instituto, vários professores foram incorporados ao Instituto. Esses professores eram moradores da cidade de Mariana e tinham, em sua maioria, um vínculo estreito com a Igreja Católica. Esses foram os primeiros professores do Instituto e eram responsáveis pelas disciplinas introdutórias dos cursos (Língua Portuguesa, Metodologia, Economia política, Int. a Filosofia, História de Minas Gerais, etc). Em 82 iniciaram-se os concursos e começaram a vir para o ICHS professores de outras regiões, principalmente Belo Horizonte, São Paulo e Rio de Janeiro. Essa entrada de novos professores, com concepções de mundo completamente diferente das dos professores provenientes da PUC foi um divisor de águas na história do ICHS.

2.2- O choque entre o antigo e o novo

Porque era assim... por exemplo... Atitudes simples que você fazia eram tomadas como antidemocráticas, (...) Havia uma espécie de fobia pelas coisas que eram...eram...tradicionalistas.¹³

O Instituto nasce com uma ligação nítida com o arcebispado de Mariana. O arcebispo de Mariana na época, Dom Oscar de Oliveira, foi um dos principais articuladores do processo de criação do Instituto. Sua força política na região e sua intenção de trazer uma universidade para Mariana foram determinantes e, aliados aos interesses da UFOP em se expandir, possibilitaram que o ICHS se tornasse uma realidade.

Outro fator que demonstra essa relação umbilical com a Igreja é o fato do Seminário, o local onde o Instituto funciona, ter sido cedido em comodato pela Igreja Católica. Toda a estrutura do curso estava passando pela assistência, material ou organizacional, do arcebispado de Mariana.

Além dos professores, o primeiro diretor do ICHS era um membro da Igreja, um cônego. O cônego José Geraldo Vidigal de Carvalho foi nomeado (segundo alguns depoimentos, indicado por Dom Oscar) como diretor, sem passar por processo eleitoral em seu primeiro mandato. Essas pessoas, por sua própria ligação com a ala mais tradicional da Igreja Católica, tinham uma visão de mundo tradicionalista, voltada para os interesses locais da vida cotidiana de Mariana.

¹³ HB, ex-professora do ICHS (Entrevista cedida a Caio Pinheiro Teixeira em 22/02/2003)

Com o início dos concursos em 82, esse grupo mais antigo começou a dividir espaço no Instituto com alguns professores mais jovens¹⁴, de tendências políticas e acadêmicas mais amplas e novas. Esses professores, normalmente provenientes das grandes metrópoles, tinham posturas políticas influenciadas pelo panorama nacional da abertura política, o que chocava-se com a perspectiva política mais estática e localista da ala mais tradicional do ICHS.

Existia sim, a divergência: a divergência entre professores de Mariana, do ICHS, professores que tinham vindo da Católica, com os professores de fora, existia uma incompatibilidade entre eles, profissionalmente, tanto na linha de trabalho, quanto na posição. Isso havia, então era muito claro. A maioria dos professores de fora criticava muito os professores que eram de Mariana e os professores que tinham vindo da Católica. Então tinha um clima entre alguns professores. Porque tinha alguns professores que chegavam a criticar abertamente.

(...) Ah. Falavam que eram pessoas que não tinham mestrado, pessoas que tinham feito pós-graduação de final de semana (risos), que não tinham qualificação, que tavam muito atrasados, era nesse sentido as críticas. E eles ficavam ofendidos, eles sabiam, então eles se afastavam, eles acabavam se afastando. Então havia nessa questão(...). Sim, sim, sim, essa questão conservadora, a questão religiosa, porque a maioria eram religiosos, entendeu. Então tinha essa questão. Então eram professores que criticavam a questão da religiosidade, falavam que tava misturando religião com história.¹⁵

Os primeiros anos do Instituto foram marcados por essas diferenças, que influenciaram no futuro do Instituto em todas as esferas possíveis. Entender a história do ICHS é entender quais os frutos dessa relação entre o antigo e novo, entre o anterior e o posterior, ou seja, entre duas visões de mundo distintas e, muitas vezes, antagônicas. Esse embate se manifestou de várias formas dentro do Instituto, como nas questões do currículo acadêmico, da ocupação dos cargos administrativos, da distribuição do poder, da moralidade, da posição do Instituto frente ao panorama nacional, etc.

Havia. Havia uma divisão muito nítida porque uma parte dos professores, principalmente os mais antigos que tinham vindo da Católica, eram professores mais conservadores, de uma faixa etária bem diferente da nossa que estávamos entrando na época. Muitos professores ligados a Igreja, tínhamos dois padres no Departamento antigo. E o Instituto havia sido criado mediante um acordo entre o governo federal, através da UFOP, e o Arcebispo de Mariana, na época Dom Oscar de Oliveira, que

¹⁴ Ver Gráfico X (anexo I).

¹⁵ ML, ex-aluna da segunda turma de História do ICHS (entrevista em 14/10/2003)

era uma das figuras mais destacadas do catolicismo conservador do Brasil na época. Então, eu me lembro, ele fazia medidas de inspeção aqui... Já era universidade federal, mas ele fazia medidas de inspeção, passeava pelos corredores dando o anel para as pessoas beijarem, esse tipo de postura muito antiga, que estava em descompasso com a expectativa das pessoas que chegavam aqui na época. E por outro lado, o Cônego era um pouco o representante do arcebispo na direção do Instituto. Foi um acordo. Foi federalizado, mas o arcebispo é que indicou o Cônego como diretor no início. Depois ele foi eleito. Houve eleições e ele foi eleito, mas no início era por indicação. Então, havia muito conflito sim. Tipo, alguns problemas da vida universitária, havia muitos conflitos, com pano de fundo subentendido de natureza política, na época aqui. Depois a coisa modificou um pouco...¹⁶

A ala mais nova, muitas vezes caracterizada em entrevistas como um grupo de esquerda, passa a querer influir nos rumos do ICHS, em suas linhas de ensino, pesquisa e em suas relações com o resto da UFOP e com a sociedade em geral. Essas novas tendências não eram condizentes com as idéias do grupo mais antigo, muitas vezes lembrado como um grupo de direita e antidemocrático. Essa dicotomia foi a Tônica do desenvolvimento do ICHS em seus anos iniciais e é o eixo central para a reconstrução desse período¹⁷.

É, tinham. Eu acho que havia aí uma...Existia uma ala bem radical entre os mais novos de pessoas que tavam ligadas a partidos políticos, que iam mais de coloração trotskista, se não me engano. Então, o Vila...eu não sei em que partido o Vila tá hoje, mas ele era do Partido Comunista Revolucionário, era uma subdivisão, que eventualmente até atuava dentro do PT, em fim. Tinha um outro professor que era o Carrouber, também, numa ala de esquerda bastante radical que tentava então trabalhar a renovação contra o Cônego, contra o próprio Gilberto. O Gilberto era extremamente conservador também. Então, havia essa disputa entre essa juventude intelectual e uma ala política mais radical da esquerda e esses antigos.¹⁸

Havia, na verdade, um descompasso de universo mental, de expectativa. Era gente muito diferente. Nos dois lados era gente muito diferente. Então foi isso que provocou aquela situação.¹⁹

¹⁶ JD, ex-professor do ICHS (entrevista em 02/07/2003)

¹⁷ Analisamos essa dicotomia, principalmente, com base nas articulações do Departamento de História, onde essas questões se manifestaram de forma mais nítida. Isto não significa que os outros departamentos não passaram pelo mesmo processo, mas sim que, neste momento, o foco do DEHIS elucida melhor a problemática que estamos abordando.

¹⁸ RO, ex-aluno do ICHS (entrevista em 16/09/2003)

¹⁹ JD, ex-professor do ICHS (entrevista em 02/07/2003)

2.3- A questão do currículo

Dentre as articulações políticas dos primeiros anos do Instituto, a questão do currículo acadêmico foi um aspecto importante. Os dois principais grupos opositores no ICBS se enfrentaram, de certa forma, para que o curso se voltasse para os rumos de sua preferência acadêmica. Essa disputa também serviu como importante elemento constitutivo das expressões ideológicas do Instituto, tendo elementos que ultrapassavam a questão puramente curricular.

O professor e membro da administração da UFOP, CT, um dos organizadores do curso de História em seu início, ressalta que a proposta inicial era de um curso com ênfase em História de Minas Gerais:

“O grande problema nosso foi em função do projeto político-pedagógico do curso. Foi o fato da gente ter vindo para cá com um projeto de um curso com ênfase em História de Minas, com a idéia de que os professores seriam incorporados a partir desse projeto. E a medida que os concursos foram feitos e os professores vieram de diferentes correntes - de diferentes estados, diferentes concepções da história - e quando foram incorporados no corpo docente, descobriu-se que eles não partilhavam desse projeto originário, o que levou o departamento a discutir a sua vocação e a modificar a orientação, de História de Minas para História Geral do Brasil.”

20

“ Então a idéia era criar em Mariana um curso de História voltado para a pesquisa do nordeste mineiro, que seria então um curso voltado para a História de Minas. A proposição é de que os alunos fizessem as monografias de bacharelado em torno do tema História de Minas. Quando nós iniciamos o processo de seleção de professores, os professores foram concursados em concursos públicos abertos ao conjunto dos professores no

²⁰ CT, professor do ICBS e um dos implantadores da proposta com ênfase em História de Minas (entrevista em 12/10/2003)

Brasil. Os aprovados vieram do Rio de Janeiro, de São Paulo, principalmente. Foram poucos da UFMG. Principalmente da Unicamp, da USP e da UFRJ, os primeiros professores. E quando eles chegaram (...), quando eles entraram no curso eles não se integraram no projeto original. Eles entenderam que havia a necessidade de reorientar o curso de História para a História Geral do Brasil.”²¹

Como se vê, a proposta (feita por um grupo da UFMG) de um curso voltado para História de Minas entrou em conflito com as expectativas dos professores que vinham das grandes universidades brasileiras do Rio e São Paulo. Os professores que vieram de outras regiões tinham interesse em que o curso fosse mais abrangente, o que levou às articulações que resultaram em reformas curriculares posteriores²². Um desses novos professores teve papel fundamental nessa mudança, como aponta CT:

“ Mas aí, há um professor muito importante, depois você tem que entrevista-lo, que é o professor Fico. O professor Fico ele assume uma espécie de posição de liderança na discussão sobre o processo pedagógico do curso de História. E ele consegue reorientar, na reforma curricular, que ele se dirige, ele reorienta o curso para uma História Geral do Presente, uma delas permaneceu História de Minas - ele tem uma perspectiva conciliadora – a História de Minas permaneceu como área de concentração, mas não a única. Aí foram incorporadas algumas outras áreas. Mas isso foi no decorrer do curso.”²³

Nossa hipótese é de que essa questão da formação do currículo do curso de História está relacionada às disputas políticas entre a ala localista do Instituto, que fundou o ICHS, e os professores ditos progressistas, que começaram a chegar depois de 82. A ênfase da pesquisa no ICHS, em Minas ou Geral, era um elemento importante dentro das articulações políticas da época. Os grupos divergentes estavam disputando

²¹ Idem.

²² Ver **análise de grades** (anexo II).

²³ CT, professor do ICHS e um dos implantadores da proposta com ênfase em História de Minas (entrevista em 12/10/2003)

espaço acadêmico e político dentro do Instituto, o que, segundo o nosso entrevistado, acabou por trazer prejuízos para o Departamento de História.

“ No meu ponto de vista, isso também gerou a crise que levou à decomposição do corpo docente do Departamento. No projeto da criação do curso de História, projeto que enfatizava a História de Minas, nós tínhamos proposição de 27 professores, se não me engano(...). Na segunda gestão do Cônego a totalidade desses professores já tinha sido contratada. A partir da reforma que foi feita, inclusive com a idéia de criação de um currículo com poucas disciplinas da grade obrigatória e um conjunto de disciplinas eletivas, unidas nesse sistema, e a perda de professores, houve uma diminuição da capacidade do Departamento de explicar a manutenção desses professores. E o Departamento perdeu corpo docente.”²⁴

CT, ao admitir que seu grupo foi derrotado nas articulações políticas pelo controle curricular do Instituto, sugere também que esta disputa se processou de forma similar na questão do controle administrativo do ICHS.

“ E historicamente nós fomos derrotados. O grupo que veio para implantar o curso foi derrotado do ponto de vista do projeto pedagógico, porque era a ênfase em História de Minas e vem a reforma curricular e modifica isso. Do ponto de vista do controle administrativo, sai esse grupo (de fundação) e entra o ligado mais as tendências, que na época eram predominantes, as tendências mais a esquerda.”²⁵

Fontes escritas também puderam nos ajudar a visualizar melhor a forma como a pesquisa no curso foi idealizada no início, como, por exemplo, o texto do Projeto de Implantação²⁶, com o estabelecimento das linhas de pesquisa, e os títulos dos primeiros

²⁴ Idem.

²⁵ Idem.

²⁶ Ver partes do **Projeto de Implantação** (anexo IV)

trabalhos apresentados no Instituto²⁷, ambos estabelecendo claramente o direcionamento no sentido da História de Minas. Isto também ficou claro quando, na Revista Rua Direita, o Cônego José Geraldo fala sobre a pesquisa no ICHS, restringindo a produção:

“Em face adiantada se acha o planejamento do Laboratório de História, a ser paulatinamente implantado, a partir do segundo semestre de 1982, no qual haverá permanentemente projetos de pesquisa em desenvolvimento, dentro da programação traçada para o ICHS, sediado num ambiente *sui generis* no qual inúmeras monografias e teses, referentes à História de Minas, poderão ser elaboradas”²⁸

O Cônego, nesse mesmo sentido, no relatório anual da direção de 82, afirma que “o bacharel tem por fim ultimo o campo de pesquisa histórica, centrada na História de Minas”²⁹. A delimitação estava bem clara no sentido de excluir outras áreas.

Dados referentes às monografias produzidas pelo Instituto na época são válidos para que possamos visualizar os rumos que a pesquisa no ICHS tomou, podendo, assim, estabelecer uma relação com os dados obtidos até agora. Desta forma, poderemos verificar quais foram as conseqüências advindas da reforma que o entrevistado aponta.

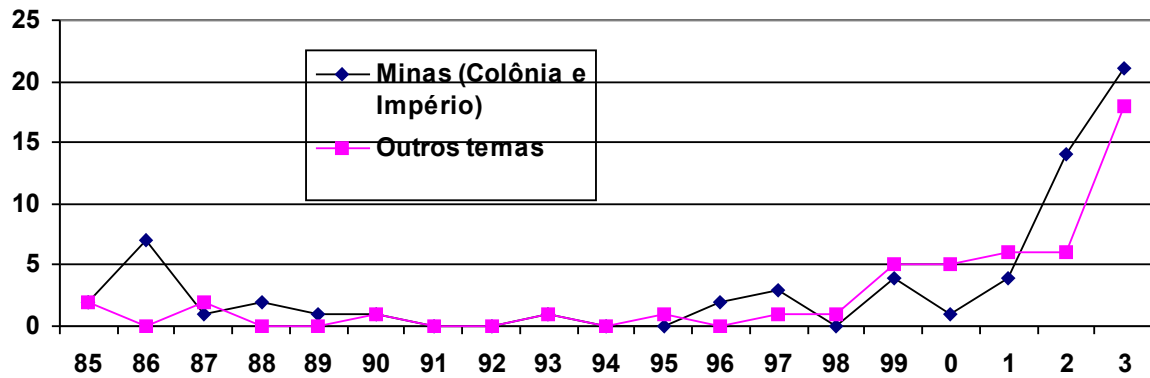
Como vemos no *Gráfico I*, desde antes da reforma curricular ser oficializada até os dias atuais, houve um equilíbrio entre a produção sobre Minas (Império e Colônia) e todas as outras áreas somadas. A ênfase do curso sempre foi em História de Minas Gerais, mas as articulações advindas da reforma e, posteriormente, a própria oficialização da reforma foram determinantes para que o curso se dirigisse também para outras áreas.

²⁷ Ver títulos do **I Encontro de Pesquisa do ICHS** (1982) (anexo III).

²⁸ Cônego José Geraldo Vidigal de Carvalho. **Revista Rua Direita**, nº9, outubro de 1982.

²⁹ **Relatório Anual da Direção**, 1982.

Gráfico 1



Enfim, apesar de todas as disputas políticas e modificações curriculares sofridas pelo curso ao longo de toda sua existência, podemos concluir que esses elementos não afetaram a produção de monografias a ponto de tirar a ênfase do curso na História de Minas. No entanto, esse grupo que queria um curso mais abrangente acabou por fazer com que o curso não fosse exclusivamente voltado para Minas Gerais, mas permitisse a produção em outras áreas, mudando os rumos da História do Instituto definitivamente.

2.4- Considerações finais sobre a questão

Podemos, a partir desses dados, levantar algumas hipóteses. Pode-se supor que o grupo de fundação (primeiros professores da UFMG e da Católica), que tinha uma perspectiva mais localista, defendeu como pôde um currículo acadêmico que (além de valorizar a especificidade do curso em relação aos outros cursos no Brasil) beneficiava também alguns de seus integrantes no sentido de valorizar suas especificidades profissionais (Esse grupo tinha maior intimidade e controle sobre as fontes locais). Isto permitia que esse grupo se articulasse de forma mais eficaz no jogo político dentro do Instituto frente aos novos professores. Os novos professores viam suas perspectivas profissionais, acadêmicas e políticas (que eram voltadas para um âmbito mais geral e dinâmico) limitadas pela restrição do curso, lutando para mudar essa realidade. O que estava em jogo não era apenas o que os alunos iriam produzir, mas também, e principalmente, a posição que cada grupo teria no Instituto, sua identidade, sua força e suas possibilidades posteriores.

Essa disputa pela formação curricular, de fundo ideológico e político, foi mais um dos focos de conflito entre os principais grupos divergentes dos primeiros anos do ICHS. Essa dicotomia se processou em outras esferas, como, por exemplo, nas questões referentes à administração e à organização do Instituto como um todo. Para entender a história do ICHS é necessário que não se desvie os olhos dessa relação entre o antigo e o novo e suas manifestações que, provavelmente, têm conseqüências ainda hoje.

3- Os anos de 1985 a 1995

Aprofundado essas questões e levando essa problemática para outras esferas da vida do Instituto pôde-se enriquecer a pesquisa de forma esclarecedora em muitos pontos. Entre essas esferas verificou-se que essa dicotomia entre os grupos distintos também pode ter sido a principal responsável por articulações referentes à centralização e a distribuição do poder na administração do ICHS. Como já foi citado:

E historicamente nós fomos derrotados. O grupo que veio para implantar o curso foi derrotado do ponto de vista do projeto pedagógico, porque era a ênfase em História de Minas e vem a reforma curricular e modifica isso. Do ponto de vista do controle administrativo, sai esse grupo (de fundação) e entra o ligado mais as tendências, que na época eram predominantes, as tendências mais a esquerda.³⁰

O controle administrativo do ICHS estava envolto pelas articulações desses dois principais grupos políticos no Instituto. A disputa por cargos, espaço físico (salas, gabinetes, etc), prestígio acadêmico, etc, eram instrumentos políticos corriqueiros dentro dessas disputas.

Em 1985 ocorreu a primeira eleição para a direção do ICHS, na qual foi eleito o Cônego José Geraldo Vidigal de Carvalho, que, como citamos antes, já havia sido diretor desde a criação do Instituto.

Um ponto marcante em todos os depoimentos sobre o período posterior a 1985 se refere á uma possível mudança em relação á centralização do poder por parte da direção do Instituto. Os depoimentos sobre os acontecimentos anteriores a 85 colocam questões sobre a centralização excessiva do poder por parte da direção do ICHS. Após 85, se verifica uma nítida mudança de postura, caminhando no sentido da flexibilidade e da democratização das decisões. O próprio CG, depois de quase 20 anos, visualiza parte dessas mudanças de postura:

A aceleração da história requer, realmente, uma maleabilidade que inclui um esforço ininterrupto de uma reciclagem permanente. Somente assim são impedidas alienações desastrosas, as mistificações e falácias que geram comportamentos desprovidos de perspectiva história e conteúdo cultural. Não basta a união mecânica entre intenções e deveres, mas urge persistentemente a fusão de posturas, rendimentos e

³⁰ CT, professor do ICHS e um dos implantadores da proposta com ênfase em História de Minas (entrevista ao autor em 12/10/2003)

talentos para formação de uma consciência voltada para a emancipação humana e a transformação social.³¹

Numa entrevista muito esclarecedora, nota-se como o CG se lembra da repercussão de suas mudanças:

Os primeiros alunos do ICHS não entenderam bem a abertura. Eles acharam que a abertura era liberdade completa. Inclusive queriam co-gestão. “- A gente queria administrar o Instituto em co-gestão com o senhor”. (...) Eu falei: - Calma lá! Vocês estão entendendo as coisas errado. (...) Então eu tive que fazer uma educação pedagógica para eles entenderem que liberdade era essa. (...) Mas depois eles entenderam que tinham que participar através dos representantes. Eles entenderam isso perfeitamente, tanto que um aluno chegou a me falar; “- Oh professor, o senhor mudou muito.”. Eu falei: - Pra melhor ou pra pior? “- Pra melhor” – Pois então, não fui eu que mudei, foi o contexto histórico que mudou e você tem que... Não é se adaptar ao contexto histórico também de acordo com a ditadura, mas também você não pode ficar dando murro em ponta de faca.³²

Apesar de dizer que não mudou, ele se refere, como na citação anterior, claramente a uma adequação a um novo contexto histórico, que é a democracia. Ao notar que isso poderia sugerir que ele se adequou também a ditadura militar, o contexto anterior, ele procura justificar sua afirmação. É evidente uma mudança de postura clara após 1985.

È possível que as articulações políticas preliminares ao processo eleitoral do ICHS e a diminuição contínua do quadro de professores da ala tradicional tenham acarretado um processo de maior distribuição de poder.

O Cônego foi diretor por duas gestões. A primeira gestão foi a gestão de implantação. Ele, na verdade, não foi nem mesmo escolhido pela comunidade. Ele era o diretor indicado pelo reitor, a partir das administrações que foram feitas anteriormente. E ele foi o diretor encarregado de implantar o curso. (...). Esse primeiro período, que é o período de implantação do curso, ele foi muito problemático... Porque o Cônego... ele... era o antigo diretor da escola, na época a escola era Católica. Ele foi incorporado pelo ensino universitário e ele, no primeiro momento, ele incorporou também, na sua gestão administrativa, as suas características da administração eclesiástica. (...) Ele tinha uma capacidade de compreender as situações e negociar muito grande. Então logo ele se adaptou às normas

31

Texto da palestra proferida por CG dia 9 de novembro de 2004 no I Encontro Memorial do ICHS.

³² Entrevista cedida por C G, em 13 de agosto de 2004.

universitárias na medida que os professores foram chegando, os novos professores provenientes de diferentes lugares: Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte.

(...) Bom, a primeira era a questão da forma de administrar que era, no primeiro momento, muito conservadora. Ele não era diretor capaz de colocar os problemas numa discussão com a comunidade. E ele teve que se adequar ao padrão de administração da Universidade. Por exemplo, a questão dos órgãos colegiados, a assembléia departamental, etc. Tudo isso criou problemas que ele teve que enfrentar. Agora ele, como ele tinha muita flexibilidade, ele aprendeu a conviver com isso. Mas no primeiro momento teve muito conflito. Alguns professores inclusive chegavam a fazer críticas muito severas.³³

Nesses trechos pode-se notar que o entrevistado fala claramente de sua percepção de uma mudança de postura por parte da direção do Instituto e como essa mudança estava ligada à presença de grupos distintos. O entrevistado também coloca a ligação dessas mudanças de posturas com o choque entre uma herança da administração da extensão da Universidade Católica e a chegada de novos professores.

³³ CT, professor do ICHS e um dos implantadores da proposta com ênfase em História de Minas (entrevista ao autor em 12/10/2003)

4- A memória e a questão da democracia

4.1- Fundamento Teórico

O principal conceito trabalhado é o de *memória*. Para Bergson, que acompanha concepções advindas dos primórdios do pensamento sobre esse conceito, a memória seria um fenômeno basicamente individual, mas, e essa é sua inovação, encontra também elementos para sua formação na matéria³⁴. Levando essa idéia para a sociologia, Halbwachs demonstra as influências sociais da formação da memória.

Autor de influência durkheimiana, ele considera que a memória é um fenômeno construído socialmente no presente. Segundo ele, o que uma pessoa lembra não é o que realmente ocorreu, mas sim uma construção que se atualiza de forma contínua. A lembrança seria uma representação criada no presente, de acordo com as referências, significados e preocupações atuais. As características do presente que mais influenciariam na formação da memória seriam as advindas da socialização do indivíduo. Halbwachs conceitua os *quadros sociais de memória*, que seriam os grupos sociais nos quais os indivíduos dividiriam e alimentariam uma simbologia comum através do próprio mecanismo de socialização³⁵. Desta forma, cada grupo teria uma memória específica, ligações fixas entre suas referências sociais e o que seus integrantes lembram. Lembrar seria uma atividade coletiva, relacionada tanto com o outro quanto consigo mesmo.

A memória individual seria a síntese entre as influências dos diversos grupos aos quais o indivíduo estaria integrado. Na sociedade de hoje, onde vários grupos sociais distintos convivem de forma mais dinâmica e intensa, as memórias individuais podem ser frutos das mais diversas combinações entre grupos. Uma pessoa pode ser de um grupo religioso, trabalhar numa fábrica de automóveis, estudar em uma universidade e jogar futebol no time do bairro. Todos esses focos de socialização influenciam na memória do indivíduo, gerando uma diversidade grande entre as memórias individuais, pois dificilmente encontramos indivíduos com as mesmas experiências de socialização.

Pollak explora a ligação entre a memória e a identidade de um grupo. Vendo a identidade como imagem de si para si e para os outros, ele coloca três elementos básicos para a construção da identidade: a unidade física, a continuidade temporal e a coerência

³⁴ BERGSON, Henri. **Matéria e Memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

³⁵ HALBWACHS, Maurice. **Les Cadres sociaux de la mémoire**. Paris : Albin Michel, 1994.

de um grupo³⁶. Pelo valor da memória para a continuidade e coerência de um grupo, Pollak mostra a ligação íntima existente entre identidade e memória.

Podemos portanto dizer que a memória é um elemento constitutivo do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si³⁷

Para Pollak, “a construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros (...) por meio da negociação direta com os outros”³⁸. Dessa forma, memória e identidade não são elementos essenciais de um grupo, mas sim frutos de relações entre os grupos, ou seja, “valores disputados em conflitos sociais e intergrupais”.³⁹

Sendo assim, a memória de um grupo segue certos padrões de relações que passam principalmente pela valorização do grupo em relação ao restante da sociedade. Essa valorização pode ser expressa de diversas formas como na busca pela coerência interna do grupo; na valorização das especificidades do grupo; na denúncia de injustiças sofridas pelo grupo, etc.

4.2- A questão da democracia

Nesse panorama é que podemos notar um foco de valorização, em relação à sociedade toda, referente ao papel ocupado pelo Instituto no processo de abertura política. Nessa questão a memória do ICHS se dirige para uma ênfase na participação de seus integrantes nos movimentos de democratização. Essas lembranças reforçam positivamente a identidade do Instituto frente à sociedade, tornando-se um elemento importante dentro do jogo social.

Mas os nossos alunos eram importantíssimos, e os nossos professores, no universo da UFOP, eram os mais politizados, no universo da UFOP eram...(...)

Então, assim, quer dizer... quaisquer reuniões de professores em Ouro Preto o ICHS ia em peso, o ICHS ia em peso. Então nós íamos em peso pra lá trabalhar. Era um pessoal reivindicador, não era essa calma que há hoje no ICHS. Eu estou ficando

³⁶ POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos** N. 10. Rio de Janeiro: CPDOC. 1992.

³⁷ Idem. p. 204.

³⁸ Idem. p. 204.

³⁹ Idem. p. 205.

assustada hoje com o ICHS. O ICHS além de tudo, nessas horas de luta, ele era unido. Nós nas greves nos tínhamos um aparato de greve que ninguém tinha na UFOP, de tão bem feito. Eu sempre trabalhei nos fundos de greve, eu era fundista. Mas nós levantávamos dinheiro pra manter greve. Nós éramos muito sérios e muito trabalhadores. E éramos democratas mesmo. Nós tínhamos a idéia de que nós tínhamos que implantar uma democracia, que o conhecimento tem que ser para todos, mas um conhecimento dado com condições para tal. Então nós exigíamos livros, nós exigimos espaço físico, nós exigíamos professor, e nós éramos respeitados na UFOP toda.⁴⁰

Quer dizer, nesse momento que eu to falando, quando eu cheguei aqui, ele foi um momento muito específico, foi o momento da abertura, das diretas, ninguém era contra. Até o mais arraigado conservador em todos os aspectos não ia ser reacionário a ponto de achar que tinha que...a manutenção das eleições indiretas ou da própria ditadura militar. Não é isso? Então, existia um grande consenso, que envolvia todo mundo, tanto os de direita quanto os de esquerda, dentro do Instituto, de que tinha que...Ou que, ou seja, de se apoiar aquele movimento mais geral. Ou seja, que era o clima, eu acho, da frente ampla pelas diretas já.⁴¹

No entanto, o ponto mais interessante dessa questão (e que confirma ainda mais a teoria de Pollak) é que hoje as recordações sobre o que era essa busca pela democracia variam claramente de acordo com qual grupo político cada entrevistado participava. Quando questionado sobre algumas atitudes antidemocráticas de Dom Oscar, arcebispo de Mariana na época (reconhecidamente, por vários estudos, um arcebispo conservador), CG, em defesa, coloca que existem estratégias democráticas distintas, deixando um pouco obscuro como se processava essa busca “reservada” pela democracia.

Nós temos que trabalhar sempre a favor da democracia, porque toda e qualquer ditadura tem que ser condenada. (...) Também não adiantava...Há processos. Você tem que usar uma metodologia para reverter a situação. O que aconteceu com muito brasileiro ai é que acabou sendo preso e não conseguia o que ele queria. E alguns ficaram aqui no Brasil armando, no bom sentido, a volta da democracia. O Dom Oscar é um deles.⁴²

Há, no mínimo, dois conceitos distintos de democracia dentro da memória do Instituto. Nenhum dos grupos se coloca como oposto á democracia, pois, como vimos,

⁴⁰ HB, ex-professora do ICHS (Entrevista cedida a Caio Pinheiro Teixeira em 22/02/2003)

⁴¹ R N, ex-aluno e hoje professor do ICHS (entrevista cedida em 16/09/2003)

⁴² Entrevista cedida por C G, em 13 de agosto de 2004.

essa questão é fundamental para o fortalecimento da identidade do Instituto, grupal e pessoal. Mas, talvez como escape para um paradoxo em seu passado, os entrevistados concebiam noções de democracia distintas.

Os que fizeram parte do grupo que chegou posteriormente, que tinham ideais motivados pelas mudanças na política nacional, têm um conceito de democracia enquanto mudança política e sistêmica, como distribuição política do poder para todas as instâncias da sociedade.

Diferentemente, o grupo mais antigo e tradicional, quando exalta a democracia, fala nela como busca pela igualdade em outras esferas, como na educação, saúde, etc. Uma busca por condições de bem estar para todos, mas sem mencionar a questão do poder, da tomada de decisões.

Quando HB diz que “no momento que ele (Departamento de História) era politizado, ele fazia tudo pra que..., pra questão da equidade, da igualdade social..., da democracia”⁴³ ela está considerando democracia como sinônimo de justiça social, de igualdade na escala social e não de divisão do poder, de descentralização, de igualdade no âmbito da representatividade política, como concebia o grupo mais novo.

A memória muitas vezes se refugia em ambivalências, ambigüidades que escondem lutas pela formação da identidade pessoal e grupal. Hoje, dada a conjuntura política, seria traumático e repulsivo defender uma postura contra um ícone de nosso tempo que é a democracia. Talvez distorcer esse ícone, transformá-lo em algo mais próximo de sua conduta, seja um artifício inconsciente e comum da memória para proteger as pessoas dos traumas e angustias de uma visão de mundo condenada.

⁴³ HB, ex-professora do ICHS (Entrevista cedida a Caio Pinheiro Teixeira em 22/02/2003)

5- Considerações finais

O ICHS, em seus primeiros anos de existência, foi palco de disputas importantes para a constituição de sua história e sua memória. Sua ligação com o Arcebispado de Mariana e com forças políticas tradicionais da região, aliada a crescente chegada de novas forças influenciadas pelo panorama de abertura política do país, foi preponderante nesse processo.

De 79 a 85 tivemos o período de constituição do Instituto e da presença de poderes centralizadores, tradicionalistas e regionalistas em choque com as novas tendências democratizantes e globalizantes que entravam em cena, tanto do ponto de vista ideológico, quanto dos pontos de vista político e educacional. De 85 a 94 tivemos uma resolução mais visível desse conflito, com a eleição para a diretoria e com uma crescente descentralização do poder. No entanto, esses conflitos e esse desfecho tiveram conseqüências claras para a constituição da identidade do ICHS e da identidade dos diversos segmentos que o constituíam.

A questão da democracia passou a ser tanto objeto de identificação e valorização do ICHS perante a sociedade quanto objeto de constrangimento e evasão por parte dos integrantes do segmento tradicionalista em relação às cobranças atuais. Isso ficou claro na ambigüidade da memória dessas pessoas.

Essas conclusões deixam claro o quanto o passado (e também o presente) de um grupo contribui para a formação da visão de seus integrantes sobre esse próprio passado. A memória se constitui por estímulos trazidos por lutas travadas pelo poder, pela identidade, ou seja, pela relação com *o outro*. A referência para a lembrança está alicerçada em nossa consciência da presença, das opiniões, dos interesses, da identidade, etc, das outras pessoas que nos rodeiam. Lembrar não é um ato solitário.

6- Bibliografia

- ALVES, Márcia H. Moreira. **Estado e Oposição no Brasil (1964-1984)**. Petrópolis: Vozes, 1984.
- AMADO, Janaina & FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- ARENDT, Hannah.. **Entre o Passado e o Futuro**. Coleção Debates. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- AUGÉ, Marc. **Não Lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papyrus, 1994.
- BACKZO, B. “Imaginário social”. In: **Enciclopédia Einaudi**. V. 5. Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.
- BARTHES, Roland. **Elementos de semiologia**. 10ª ed., São Paulo, Cultrix, 1997.
- BARTLETT, Charles. **Remembering**. Cambridge: Cambridge University Press, 1932.
- BAUMAN, Z. **Globalização: as conseqüências humanas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
- BENJAMIN, W. O narrador. **Magia e técnica, arte e política**; ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BERGSON, Henri. **Matéria e Memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BERMAM, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. São Paulo: Cia das Letras, 1987.
- BOSI, Ecléa.. **Memória e Sociedade**. São Paulo: T.ª Queiroz, 1979.
- BOSI, Ecléa. **O Tempo Vivo da Memória**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo, Perspectiva, 1987.
- _____. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.
- _____. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- _____. **Razões Práticas**: Sobre a teoria da ação. Campinas: Papyrus, 1996.
- _____. **Efeitos de Lugar**. In: BOURDIEU, Pierre (Org.). **Miséria do Mundo**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **As Faces da Memória**. Ed. CMU, Campinas. (199-) Coleção Seminários n2.
- BURKE, Peter. **A escrita da história**. São Paulo: Novas perspectivas, 1992.

- CARRATO, José Ferreira. **Igreja, Iluminismo e escolas mineiras coloniais**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1968.
- CARVALHO, José G. Vidigal de. **Dom Oscar de Oliveira**: um apóstolo admirável. Viçosa: Ed. Folha de Viçosa, 1999.
- CARVALHO, José Murilo de. **Escola de Minas de Ouro Preto**: o peso da glória. São Paulo: Ed. Nacional, 1978.
- COSTA, Icléia Thiesen M. e GONDAR, Jô (Orgs).. **Memória e Espaço**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.
- DAMATTA, Roberto.. **A casa e a rua**: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- ELIAS, Norbert e SCOTSON, John L.. **Os Estabelecidos e outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.
- FENTRESS, James e WICKHAM, Chris. **Memória social**: novas perspectivas sobre o passado. Lisboa: Teorema, 1992.
- FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). **História Oral e Multidisciplinaridade**. Rio de Janeiro: Diadorim Editora, 1994.
- FICO, Carlos. **Reinventando o Otimismo**: ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1997.
- GEERTZ. **A Interpretação da Cultura**. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1978.
- GONÇALVES, José Reginaldo. Autenticidade, memória e ideologias nacionais: o problema dos patrimônios culturais. In: ESTERCI, Neide. **Fazendo Antropologia no Brasil**. Rio de Janeiro: DP & A Editora, 2001
- GINZBURG, Carlo. **A Micro-História e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1991.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- _____. **La topographie légendaire des évangiles em terre sainte**. Paris: PUF, 1971.
- _____. **Les Cadres sociaux de la mémoire**. Paris : Albin Michel, 1994.
- HUNTINGTON, Samuel P. **A Ordem Política nas Sociedades em Mudança**. Rio de Janeiro: Ed. Forense-Universitária. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1975.
- JEUDY, Henri-Pierre. **Memórias do Social**. São Paulo: Forense, 1995.
- LE GOFF, J. **História e Memória**. Campinas: Editora Unicamp, 1994.

LOUREIRO, Isabel & DEL-MASSO, Maria C. **Tempos de greve na Universidade Pública**. São Paulo: Ed. Cultura Acadêmica, 2001.

LOVISOLO, Hugo. A memória e a formação dos homens. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, CPDOC, 1989.

MENDONÇA, Sonia Regina de Mendonça & FONTES, Virgínia Maria. **História do Brasil Recente: 1964-1992**. 4ª edição. São Paulo: Editora Ática, 1996. Série Princípios.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **História e Cultura. Projeto História**. (10). P. 7-28. 1993

OLIVEIRA, Betty Antunes de. **O Estado Autoritário Brasileiro e o Ensino Superior**. 2ª edição. São Paulo: Cortez Editora, 1981.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos** N. 10. Rio de Janeiro: CPDOC. 1992.

_____. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, N.3, Rio de Janeiro: CPDOC, 1989.

PORTELLI, Alessandro. Forma e significado na História Oral, **Projeto História** n.º 14, fev. 1997.

_____. O que faz a H. O diferente. **Projeto História**, n.º 14 fev. 1997.

QUEIROZ, Maria I. P. de. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**. São Paulo: CERU e FFLCH/USP, 1983.

RIBEIRO, Darcy. **A Universidade Necessária**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

RIVERA, Dário Paulo Barrera. **Religião e Tradição a Partir da Sociologia da Memória de Maurice Halbwachs**. (art.) (?).

SANTOS, Myrian S. dos. O pesadelo da amnésia coletiva: um estudo sobre os conceitos de memória, tradição e traços do passado. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo: Anpocs, 1993.

SKIDMORE, Thomas. **Brasil: de Castelo a Tancredo**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

HUYSSSEN, Andréas. **Seduzidos pela memória**. Rio de Janeiro. Aeroplano, 2000.

TEIXEIRA, João G. Lima Cruz (Coord.). **A Universidade Brasileira e a Constituinte**. Brasília Ed. Universidade de Brasília, 1986.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

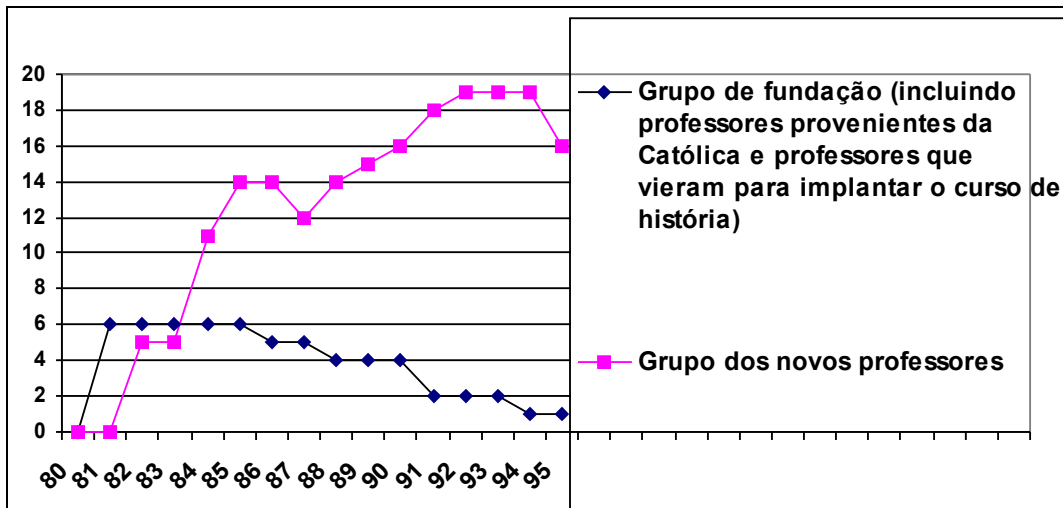
VELHO, Gilberto. **Desvio e divergência: uma crítica da patologia social**. Rio de Janeiro. Zahar, 1977.

WEHLING. A. E WEHLING Maria J. C. M. **Memória e história:** Fundamentos, convergências, conflitos. IN : Memória social e documento : uma abordagem interdisciplinar / [et al]. — Rio de Janeiro : Universidade do Rio de Janeiro. Mestrado Memória Social e Documento, 1997.

7- Anexos

7.1- Anexo I

Gráfico X (referente ao quadro de professores do DEHIS)



7.2- Anexo II

Análise de grades

Nessa tabela encontra-se o provável primeiro quadro de disciplinas do DEHIS, que contemplava a proposta inicial do curso em direção à História de Minas. No entanto, essas informações só puderam, até o momento, ser colhidas em documentos não datados, sendo consideradas como primeira grade pela suas condições materiais (eram as mais desgastadas entre todas as grades encontradas) e pelos depoimentos colhidos (as disciplinas coincidem com as que os entrevistados das primeiras turmas disseram ter estudado)

Matérias	Disciplina(S) desdobrada(S)
Introdução à metodologia	Introdução à metodologia científica A
Estatística	Estatística Aplicada
Língua Portuguesa	Língua Portuguesa
Metodologia da História	Introdução aos Estudos Históricos Metodologia da História Historiografia Brasileira
Civilização Ibérica	Civilização Ibérica
Hist. Das Idéias políticas	Hist. Das Idéias políticas/Sociais
História do pensamento econômico	História do pensamento econômico
Hist. da Arte	Hist. Geral da Arte
Antropologia	Antropologia Cultural
Int. a Filosofia	Iniciação Filosófica
Economia política	Economia Política
Tec. de pesq. Histórica	Técnica e projeto de pesquisa histórica Desenvolvimento de proj. de pesq. Histórica Estagio Supervisionado: Arquivos Históricos
História de minas Gerais	História de minas colonial História de Minas XIX e XX

Algumas disciplinas acrescentadas posteriormente (a partir de 82), provavelmente em decorrência das disputas pela formação curricular do DEHIS.

Acrescentadas
História Antiga
História Medieval
História Moderna
História Contemporânea
História da América
Sociologia
Estudo de problemas brasileiros
História da América Séc XIX e XX
Hist. Da América Colonial

7.3- Anexo III

Títulos apresentados no I Encontro de Pesquisa do ICHS (27 a 28 de maio de 1982)

Título: Minas Colonial, Etnologia do Sistema Colonial- séculos XVIII-XIX: transição. Autor: Crisoston Tertio Vilas Boas

Título: O sentimento nativista do ouropretano. Autora: Elizabeth Salgado de Souza

Título: Política e Crise do Sistema Colonial em Minas Gerais. Autor: Gilberto Guerzoni Filho

Título: Manifestações folclóricas de identificação em comunidades de garimpo em Minas Gerais. Autor: Lázaro Francisco da Silva- José Moreira de Souza.

Título: Fontes Históricas de Minas Gerais. Autora: Maria Efigênia Lage Resende (Coord.). Gilberto Guerzoni Filho e Helena Maria Amorim Dias.

7.4- Anexo IV

Projeto de Implantação do Curso de História (anexo I do Relatório Anual da Diretoria-1982), reproduzido em parte.

“A Comissão encarregada pela Assembléia Departamental de História de supervisão e acompanhamento do projeto do Laboratório de Pesquisa Histórica, (...) considerando a necessidade da adequação dessas linhas à riqueza do acervo e à realidade regionais(...), optou pelas linhas:”

- 1) Economia de Ouro em Minas Gerais;
- 2) Sociedade mineradora: ideologia e movimentos sociais;
- 3) História da igreja em Minas Gerais;
- 4) História da arte: o barroco em Minas Gerais;
- 5) Ensino de História no 1º e 2º graus.